



Bolsas		Pontuação B3				Dólar		Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na sexta-feira		IBovespa nos últimos dias				Na sexta-feira		Últimos	Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,36%		160.896				R\$ 5,425		R\$ 1.621	R\$ 6,360	14,90%	14,90%	Julho/2025 0,26
São Paulo		26/12 29/12 30/12 2/1/26				(- 1,16%)						Agosto/2025 -0,11
0,66%												Setembro/2025 0,48
Nova York												Outubro/2025 0,09
												Novembro/2025 0,18

MERCADO FINANCEIRO

Bolsa cai em meio à tensão entre TCU e BC

Primeiro pregão do ano tem quedas no Ibovespa e no dólar, embaladas pelo aumento de incertezas domésticas e externas

» RAPHAEL PATI

A primeira sessão do ano no mercado financeiro foi marcada pela baixa liquidez e menos movimentações, com quedas da Bolsa e do dólar, embaladas pelo aumento das incertezas domésticas e externas. Os agentes financeiros reagiram negativamente à decisão do Tribunal de Contas da União (TCU) de iniciar um processo de “inspeção” em torno da decisão do Banco Central sobre a liquidação do Banco Master, em 18 de novembro do ano passado. O anúncio gerou desconfiança entre investidores em torno da real autonomia da autoridade monetária e da sua influência para tomar decisões como a proferida há pouco mais de um mês.

A interferência de uma Corte que tem como obrigação fiscalizar as contas da União e não uma operação de fraude bilionária de um banco privado investigada pela Polícia Federal e pelo BC tem gerado muita desconfiança sobre os verdadeiros interesses por trás da decisão do Tribunal, de acordo com especialistas.

O Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) recuou 0,36% no primeiro pregão do ano, ontem, e voltou ao patamar de 160.538 pontos. O movimento ocorre após o principal índice da B3 acumular alta de 34%, em 2025, a maior valorização em nove anos. Enquanto isso, em Nova York, o Índice Dow Jones avançou 0,66%.

Apesar do clima mais tenso entre BC e TCU, as ações das instituições financeiras fecharam o dia com desempenhos diferenciados, com quedas nos papéis do Banco do Brasil e do Santander, de 1,09% e de 0,91%, respectivamente. Enquanto isso, os maiores bancos privados do país, Itaú Unibanco e Bradesco, registraram altas de 0,14% e de 0,38%, respectivamente. As ações que mais se saíram bem no primeiro pregão do ano foram as do Pão de Açúcar, que subiram 4,21%, no dia de ontem.

Apesar da sessão negativa na largada de 2026, o estrategista-chefe da RB Investimentos, Gustavo

Cruz, explicou que há pouco a se afirmar diante de um primeiro dia de negociações na Bolsa. “O resto do mundo estava em um dia positivo em virtude do setor de tecnologia, mas o Brasil é bem ausente nesse tema. O país não tem nenhum representante que esteja envolvido direta ou indiretamente na questão de tecnologia, inteligência artificial, e, portanto, acaba ficando de fora da alta”, avaliou.

Tarifaço chinês

A decisão do governo chinês em aplicar um tarifaço sobre a carne bovina, com imposto adicional de 55% sobre a importação da proteína, afetou em cheio os frigoríficos brasileiros. Ontem, os ativos da Minerva Foods lideraram as perdas na B3, com uma baixa de 6,77%, enquanto que a BR Foods, dona de marcas como Sadia e Perdigão, caiu 1,7%.

Após o anúncio da nova tarifa chinesa, os ministérios do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), da Agricultura e o das Relações Exteriores, emitiram uma nota conjunta informando que o governo brasileiro continuará agindo de forma coordenada com o setor privado e “seguirá atuando junto ao governo chinês tanto em nível bilateral quanto no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC)”, com vistas a mitigar o impacto da salvaguarda imposta à carne bovina do Brasil e de outros países exportadores da proteína. A nota diz, ainda, que o governo “acompanha o tema com atenção” e pretende “defender os interesses legítimos dos trabalhadores e produtores do setor”.

Dólar em queda

No pregão de ontem, o dólar voltou a cair e apresentou uma queda robusta, acima de 1,16%, recuando para R\$ 5,425 para a venda. De acordo com Cruz, um dos principais motivos para esse movimento é justamente a virada do ano.

“Havia gente que estava enviando dividendos para fora, tentando fugir da tributação que vai ter neste ano, já não tem mais o porquê fazer

B3/Divulgação



O Ibovespa, que acumulou alta de 34% em 2025, encerrou o primeiro pregão do ano com queda de 0,36%, para 160.538 pontos



“O resto do mundo estava em um dia positivo em virtude do setor de tecnologia, mas o Brasil é bem ausente nesse tema”

Gustavo Cruz, estrategista-chefe da RB Investimentos

essa atuação mais intensa, e também tem aqueles que querem tentar travar um câmbio médio mais alto, aproveitando o movimento. Agora também já não tem, porque virou o ano”, explicou Cruz.

Para o analista e sócio da GWX Investimentos, Ciro de Avelar, a expectativa é de poucas negociações no mercado acionário neste mês, até o fim do recesso parlamentar, quando o cenário doméstico deve ficar mais aquecido. A expectativa é de volatilidade por conta das eleições presidenciais neste ano.

“Com o dólar ainda orbitando em torno de R\$ 5,42, estamos vendo ainda uma baixa da divisa norte-americana, mas, principalmente, com baixo volume das negociações, ainda não temos um direcionamento de como vai ser os próximos dias. Mas semana que vem, certamente os números aumentarão e vamos ter uma volatilidade maior nos mercados”, disse.

Ouro em baixa

No cenário internacional, o ativo que mais se valorizou no ano

passado, acumulando ganhos acima de 64% no acumulado em 12 meses, fechou em queda no primeiro dia de 2026.

Em Nova York, os contratos futuros de ouro para fevereiro encerraram em baixa de 0,26%, no valor de US\$ 4.329,60 por ‘onça-troy’ (31,1034768 gramas). Ao mesmo tempo, a prata para março subiu 0,6%, a US\$ 71,02 por onça-troy. A queda no preço do metal indica uma abertura dos investidores a outros ativos de maior risco, em um cenário de esfriamento das tensões geopolíticas.

CONJUNTURA

ICMS maior encarece combustíveis a partir deste mês

No primeiro dia do ano, o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre gasolina, diesel e gás de cozinha sofreu um reajuste e fez com que os combustíveis ficassem mais caros já no início de 2026. A decisão tomada pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz) ainda em setembro do ano passado estabelece um aumento de R\$ 0,10 por litro na alíquota da gasolina, para R\$ 1,57 nos postos de abastecimento em todo o país.

É importante lembrar que o ICMS é um tributo recolhido pelos estados. Além da gasolina, a decisão do Confaz aumenta em R\$ 0,05 o imposto sobre o diesel, que chega, agora, a R\$ 1,17 por litro. Em relação ao gás de cozinha, o aumento é de R\$ 1,05 por botijão. Este é o segundo ano seguido em que o

comitê das secretarias estaduais de Fazenda aumenta o imposto sobre os combustíveis. Em fevereiro do ano passado, houve elevação nessas alíquotas. De acordo com o órgão, o reajuste considera os preços médios por mês dos combustíveis divulgados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), entre fevereiro e agosto de 2025, em relação ao mesmo mês do ano anterior.

De acordo com um levantamento da ValeCard, empresa especializada em meios de pagamento, o preço médio da gasolina em 22 estados do país subiu 0,52%, em 2025, enquanto o diesel S-10 teve queda de 0,88%. Somente em dezembro, o preço médio da gasolina registrou um aumento de 1,08% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, e ficou em R\$ 6,37. Já

o diesel recuou 0,25% e é vendido, na média, nos postos do Brasil, a R\$ 6,29. A análise considera transações realizadas entre 1º e 28 de dezembro em mais de 25 mil postos credenciados em todo o país.

Reajustes pontuais

O diretor de Mobilidade e Operações da ValeCard, Marcelo Braga, disse que os dados de dezembro mostram um mercado de combustíveis mais estável, com reajustes pontuais e variações contidas na maior parte do país.

“O etanol foi o combustível que concentrou a maior pressão de alta no mês, enquanto gasolina e diesel apresentaram movimentos mais moderados, refletindo um cenário de menor volatilidade no fechamento do ano”, contou.

Apesar de registrar uma leve alta na média nacional, o aumento do preço da gasolina foi desigual entre os estados, com altas concentradas em algumas unidades da Federação e recuos mais expressivos principalmente na Região Norte. Roraima apresentou a maior queda percentual do país (-2,25%), apesar de o estado manter o maior preço médio da gasolina no Brasil pelo segundo mês consecutivo, a R\$ 7,332 o litro. Também apresentaram quedas os estados de Amapá (-1,22%), Acre (-0,27%), Amazonas (-0,13%) e Tocantins (-0,07%).

Enquanto isso, o Nordeste registrou as maiores altas percentuais do Brasil, de 0,71%, no Piauí, e de 0,57%, em Pernambuco. No Distrito Federal, a gasolina registrou aumento de 0,28%, sendo vendida a R\$ 6,45 na média dos postos. (RP)

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Reajuste de imposto estadual eleva preço da gasolina e do gás de cozinha